

Os 50 anos da Rebelião de Stonewall

No dia de hoje, milhões de pessoas em todo o mundo celebram os 50 anos da Rebelião de Stonewall. Stonewall é considerado um marco na história do movimento LGBTI organizado no mundo e tem esse nome por conta de um evento que ocorreu num bar gay localizado em Nova Iorque chamado Stonewall Inn.

Naquela época, muitos estados norte-americanos tratavam as relações homossexuais como crimes e em Nova Iorque as pessoas eram obrigadas a usar roupas de acordo com o seu sexo biológico. Os bares sequer podiam vender bebidas para homossexuais ou qualquer pessoa que desafiasse a cisheterossexualidade. Eram muito comuns as batidas policiais em que donos, empregados e clientes eram presos.

No dia 28 de junho de 1969, policiais entraram no bar Stonewall Inn e começaram a prender funcionários e clientes. Contudo, em vez de simplesmente se submeter a essa situação, nesse dia, as pessoas optaram por resistir. Clientes começaram a jogar moedas nos policiais, em referência à propina que policiais recebiam para não importunar os bares. Logo em seguida, a revolta se intensificou e até mesmo coquetéis molotov foram jogados na porta.

Essa reação inesperada de pessoas cansadas de toda a repressão da época deu início a uma série de protestos nos dias seguintes. Um ano depois, essas pessoas organizaram a primeira marcha do orgulho.

Contudo, ao se contar essa história, não se pode correr o risco de realizar uma leitura que invisibilize algumas figuras que lideraram esses episódios e que foram extremamente importantes para a história do movimento LGBTI. É o caso de Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson.

Vozes silenciadas: Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson

Sylvia Rivera foi um dos pilares para as revoltas que se iniciaram no Stonewall In e é reconhecida como uma das ativistas que estiveram na linha de frente da Rebelião de Stonewall,

tendo sido essencial na agitação e mobilização dos/as manifestantes.

Nascida em 1951 em Nova Iorque, Sylvia era pobre, latina e prostituta, filha de dois imigrantes de Porto Rico e Venezuela, tendo sofrido durante toda a sua vida abusos da polícia. Foi abandonada por seu pai nos primeiros anos de sua vida e sua mãe cometeu suicídio quando Sylvia tinha apenas 3 anos de idade. Começou a viver na rua com 11 anos de idade.

Sylvia era muito amiga de Marsha P. Johnson: negra, transgênero, pobre e trabalhadora do sexo. Nascida em Nova Jérsei em 1945, chegou a Nova Iorque no final dos anos 60. Embora pouca se saiba sobre a sua infância, é reconhecido que Marsha foi uma grande ativista política: gritava nas ruas, mobilizava marchas, dava entrevistas e, assim como Sylvia, era constantemente presa.

Tanto Rivera quanto Johnson estiveram na linha de frente dos processos de resistência na Revolta de Stonewall, mas foram mais do que isso. Um ano depois da Rebelião, Johnson e Rivera fundaram a organização Street Transvestite Action Revolutionaries (S.T.A.R.), que dava moradia, comida e roupa para cerca de 50 pessoas. Marsha e Sylvia sustentavam esse projeto com o dinheiro fruto do próprio trabalho sexual. Contudo, numa entrevista concedida em 1989, Rivera fala que, quando ela e Marsha pediram ajuda para outras organizações da comunidade, que contavam com professores e advogados (brancos e de classe média alta) e que poderiam ajudar com alguns recursos, essas pessoas viravam as costas. Não havia ninguém para ajudá-las. De fato, conforme o movimento crescia, sobretudo homens gays, em sua maioria brancos, assumiram a liderança e colocaram pessoas trans como Johnson e Rivera no ostracismo, porque acreditavam que figuras como elas, com toda a sua vestimenta, de um lado, traziam mais desrespeito à comunidade e, de outro, dificultavam o argumento de que não havia nenhuma diferença entre gays, lésbicas e heterossexuais.

O ápice da tensão foi na Parada de 1973, quando Rivera foi vaiada ao lembrar que, se não fosse pelas drag queens, não haveria movimento de liberação gay e que elas eram a linha de frente da resistência.

Por um orgulho interseccional

A história da participação de pessoas como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera na Rebelião de Stonewall traz à tona como a comunidade LGBTI não pode ser vista de uma forma homogênea, como se todas as experiências fossem as mesmas e, sobretudo, como se os direitos conquistados recaíssem igualmente sobre toda essa população. Não recaem. Mais do que isso, essa história

explora os limites das alianças dentro da comunidade LGBTI, que não pode utilizar as pessoas trans somente como uma ponte para conquistar direitos ou status.

De outro, as duas encarnam em suas vidas a interseccionalidade, evidenciando a importância de considerar vários marcadores sociais para pensar nos processos de construção das identidades, como a raça, a classe, a nacionalidade, a etnia, a identidade e a expressão de gênero, a orientação sexual, dentre outros eixos de opressão.

Johnson e Rivera nos dão a oportunidade de pensar que, mais do que somente incluir, por exemplo, referências a gênero nos debates de raça e vice-versa, a interseccionalidade deve constituir uma ferramenta para assumir um compromisso com as experiências, conhecimentos, lutas e agendas políticas que emirjam a partir da resistência aos diversos eixos de dominação e opressão, sobretudo daquelas que estão nas escalas mais baixas do reconhecimento da humanidade - como foi o caso de Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera e segue sendo o caso de tantas pessoas trans negras e latinas, que continuam a figurar como aquelas que mais têm seus direitos humanos negados.

Nesses 50 anos da Revolta de Stonewall, Race and Equality deseja renovar o nosso compromisso com as resistências das pessoas que têm as suas vidas marcadas por opressões a partir de sua raça, identidade de gênero, orientação sexual, classe, nacionalidade e outras, e aproveitamos essa oportunidade para convidar toda a comunidade LGBTI a se empenhar numa luta por igualdade que não feche os olhos para aqueles e aquelas que não gozam dos privilégios brancos, cis, masculinos e de classe, ou qualquer condição que lhes permita experimentar uma humanidade que não é experimentada por todos/as. A luta por igualdade não pode deixar de lado os que mais necessitam dela.